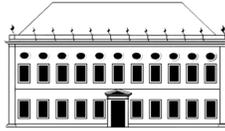
The background of the entire page is a blue-tinted photograph of a lecture hall. In the foreground, the back of a student's head and shoulders is visible on the left, looking towards the front. In the middle ground, several other students are seated at desks, some looking towards the front. In the background, a professor is standing at a podium, facing the class. The room has large windows with curtains on the right side.

90

ANOS DE ENSINO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS PARA ESTRANGEIROS NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Graça Rio-Torto
COORDENAÇÃO



D O C U M E N T O S

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

INFOGRAFIA

Nelson Ferreira

EXECUÇÃO GRÁFICA

Simões & Linhares, Lda

ISBN

978-989-26-0858-7

ISBN DIGITAL

978-989-26-0859-4

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0859-4>

DEPÓSITO LEGAL

380776/14

90

ANOS DE ENSINO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS PARA ESTRANGEIROS NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Graça Rio-Torto

COORDENAÇÃO

SUMÁRIO

NOTA DE ABERTURA POR JOSÉ PEDRO PAIVA, DIRETOR DA FACULDADE DE LETRAS	9
CAP. 1. GRAÇA RIO-TORTO, PASSADO E PRESENTE DOS <i>CURSOS DE FÉRIAS</i>. DA EDIÇÃO DE 1924–1925 À DE 2014	13
1. AS EDIÇÕES DE 1926 E DE 1927 DO “CURSO DE FÉRIAS PARA ESTRANGEIROS” DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA (20 DE JULHO A 30 DE AGOSTO)	14
2. A 90ª EDIÇÃO DO CURSO DE FÉRIAS DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA	25
2.1. Geografia dos públicos dos <i>curtos de férias</i>	26
3. OFERTA FORMATIVA EM ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA DA FACULDADE DE LETRAS.....	30
3.1. Cursos Intensivos.....	31
3.1.1. Curso de Férias (http://www.uc.pt/fluc/ensino/cpe/90cf)	31
3.1.2. Curso Intensivo de Língua Portuguesa (setembro)	32
3.1.3. Curso Intensivo de Português (fevereiro)	32
3.1.4. Curso Intensivo de Língua e Cultura Portuguesas para Alunos da Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto (KUFS)	33
3.1.5. Erasmus Intensive Language Course (EILC): curso de verão, curso de inverno	34
3.2. Cursos anuais (2 semestres).....	35
3.2.1. Curso anual para alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Macau	35
3.2.2. Curso anual de Língua e Cultura Portuguesas	35

3.2.3. Língua Portuguesa I, II, III, IV Erasmus	36
3.3. Cursos de ensino à distância	37
CAP. 2. ISABEL PEREIRA, ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA	
ESTRANGEIRA E INVESTIGAÇÃO EM PL2 NA FLUC	39
1. INTRODUÇÃO	39
2. INVESTIGAÇÃO EM PL2 NO CELGA	40
2.1. Corpora	41
2.1.1. <i>Corpus</i> de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2/CELGA).....	41
2.1.2. Coral – Corpus oral de PL2.....	42
2.2. Ensinar e aprender PL2 à distância.....	43
2.2.1. NIFLAR.....	43
2.2.2. <i>Euroversity</i>	45
3. O FUTURO PRÓXIMO	47
CAP. 3. CRISTINA MELLO, A LITERATURA EM FOCO NO <i>CURSO DE FÉRIAS</i>	51
CAP. 4. JOÃO PAULO AVELÃS NUNES: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA	
NOS CURSOS DE FÉRIAS DA FLUC (DO FINAL DA PRIMEIRA	
REPÚBLICA AO DERRUBE DO ESTADO NOVO)	59
1. INTRODUÇÃO	59
2. CARACTERIZAÇÃO GERAL	61
3. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA	65
4. CONCLUSÃO	72
CAP. 5. JOÃO LUÍS J. FERNANDES, <i>CURSO DE FÉRIAS</i> DA FACULDADE	
DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA – FLUXOS, DINÂMICAS	
TERRITORIAIS E ORIGEM GEOGRÁFICA DOS ESTUDANTES	79
1. ESTUDANTES, REDES DE CAPITAL SOCIAL E IMAGEM DOS LUGARES: FATORES E CONTEXTOS DOS FLUXOS ACADÉMICOS	79
2. CICLOS E GEOGRAFIAS DOS PRINCIPAIS FLUXOS DE ESTUDANTES DO CURSO DE FÉRIAS DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. A PERSPETIVA DOS ÚLTIMOS 5 ANOS	85

3. ORIGEM ESPACIAL DOS ESTUDANTES INSCRITOS NO CURSO DE FÉRIAS ENTRE 2009 E 2013: RELAÇÃO COM AS PRINCIPAIS DINÂMICAS TERRITORIAIS, POLÍTICAS E GEOECONÓMICAS OCORRIDAS EM MÚLTIPLAS ESCALAS GEOGRÁFICAS. BREVE REFLEXÃO	94
---	----

CAP. 6. FRANCISCO SOARES DE OLIVEIRA:

90 ANOS DE CURSOS DE FÉRIAS, 90 ANOS DE ACTIVIDADES CULTURAIS	101
1. O PASSADO: UM PATRIMÓNIO ÚNICO	101
1.1. Os primórdios	101
1.2. De 1999 a 2009	103
1.3. De 2010 a 2013	105
2. O PRESENTE: UM MARCO ÚNICO	108
3. O FUTURO: DESAFIOS	109

CAP. 3. CRISTINA MELLO, A LITERATURA EM FOCO NO CURSO DE FÉRIAS

Cristina Mello⁷

Ensinar literatura portuguesa no *Curso de Férias* da Faculdade de Letras em muitas das suas edições, se é mister do ofício de professores de literatura, é também uma circunstância especial de ensino, por várias razões. Um conjunto de factores explica essa especificidade. A heterogeneidade do público é grande e pode ser evocada aqui quanto à faixa etária, aos níveis de desempenho linguístico em língua portuguesa, às formações académicas, profissionais e outras. Tendo colaborado nesse curso em uma dezena de edições, a lição que me ficou pode ser perspectivada, hoje, em dois aspectos: o primeiro, o do sentido da surpresa que é sempre encontrar-me perante essa diversidade cultural; o segundo, o do sentido da necessidade de eu própria reconfigurar concepções e práticas didácticas de ensino da literatura. É sobre essa questão que me debruço aqui, num breve testemunho.

Sendo diversos os interesses dos estudantes, parece-me plausível priorizar práticas de ensino voltadas para o desenvolvimento de uma cultura literária de base, da qual devem fazer parte a leitura de textos representativos do cânone literário clássico e contemporâneo. A abordagem dos textos com os alunos, oriundos de diversos continentes, é sempre conduzida no sentido de acrescentar conhecimentos novos, colocando-os

⁷ Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas/CLP - Centro de Literatura Portuguesa Faculdade de Letras • Universidade de Coimbra, Email:cristina.a.mello@gmail.com

em diálogo com as suas referências culturais. Esse trabalho implica o delinear de programas divulgados com antecedência, ajustados à heterogeneidade das formações que vamos encontrar.

Um curso de literatura portuguesa neste contexto implica decisões sobre autores e obras a contemplar. A margem para opções é limitada se considerarmos que as oito aulas ao longo das quatro semanas, entre junho e julho, não ultrapassam as 16 horas presenciais. Assim, a opção que se tem afigurado mais consentânea com essa especificidade de um Curso de Férias, reside na selecção de textos de autores do século XIX e do século XX, sendo que nesta 90ª edição será também incluída a obra *Os Lusíadas*, tendo em vista uma proposta de configuração de um arco histórico-literário mais amplo e da possibilidade de termos uma aula em que os alunos tenham a oportunidade única de poderem olhar para a primeira edição da obra.

Com a literatura veicula-se a história, a sociedade, enfim, um conjunto de referências que permitem aos estudantes desses cursos de verão situarem os textos no seu contexto histórico, compreendendo-os e interpretando-os até onde os seus saberes e os nossos o permitem. Juntamente com a compreensão dos textos, aspiramos, sempre, que haja lugar para experiências de experimentação da emoção que a literatura provoca em nós, por vezes, em momentos de um estranhamento inominável.

Neste testemunho despretensioso, justifica-se destacar algumas experiências. Começo com a referência a um curso monográfico sobre poetas contemporâneos que foi frequentado, entre outros, por estudantes luso-descendentes e por pessoas que tinham interesse em conhecer alguma poesia portuguesa do século XX. Os textos diziam alguma coisa aos alunos! Ninguém ficava indiferente ao “Cântico Negro”, de José Régio, ou à tristeza dorida de tantos sonetos de Florbela Espanca. Muitos descobriam, com interesse, a voz de Miguel Torga e outros saboreavam Eugénio de Andrade, outros ainda, encorajavam-se a ler um pouco mais de Herberto Helder. Uma antologia de textos policopiados circulava na sala do Centro de Literatura Portuguesa e os alunos anotavam sentidos possíveis, referências culturais, desbravavam imagens inusitadas.

O mesmo movimento ocorreu no caso do curso de Literatura Portuguesa no nível superior do Curso de Férias. É frequente a presença de alunos orientais (da China, de Macau e mesmo do Japão) e também de luso-descendentes residentes na Europa, nos EUA e no Canadá, a par, hoje em maior número, de alunos da América do Sul e Central.

No curso superior, e mesmo no complementar, comparecem sempre obras de Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Almeida Garrett, facultando-se textos e materiais de apoio que permitam aos alunos adquirir o conhecimento de referências estéticas fundamentais sobre esses autores, situando-os no seu tempo.

Em muitos momentos, trata-se de oferecer aos estudantes referências muito genéricas, priorizando-se o conhecimento dos textos trabalhados em aula, numa abordagem necessariamente adequada ao nível das turmas. A maioria dos estudantes inclina-se para um exercício de compreensão dos textos num movimento que vai da leitura linear à experimentação de hipóteses interpretativas, com alguma cautela, o que se compreende e parece-me de louvar. Apesar de frequentarem o nível superior, esses alunos valorizam o enriquecimento linguístico também em aulas de literatura e assim não descutam a descodificação vocabular, a compreensão do metaforismo semântico e simbólico dos textos, construindo, em conjunto, hipóteses de interpretação devidamente sustentadas no conhecimento dos textos nas suas dimensões vocabular, semântica e sintáctica.

O que se ganha e o que se perde é a pergunta que me coloco ao longo dessas aulas, num experimentar de hipóteses de abordagem dos textos com os alunos. Ganha-se o gosto, o leitor, pessoas que com o esforço conjunto dos docentes do curso podem continuar a estudar Português. Talvez alguns textos de uma antologia pensada para esses estudantes fiquem fora do programa. Não ficam de fora, evidentemente, aqueles textos que constituem núcleos de textualidade canónica, isto é, textos que por serem representativos de períodos literários tecem diálogo com outros mais contemporâneos; ou, num movimento contrário, textos da literatura mais recente que nos levam a Pessoa e a Camões.

O que terá ficado na memória de leitura dos estudantes desse nível de ensino? Creio que, de acordo com as competências linguísticas em presença em diferentes níveis de ensino (superior e complementar), muitos poderão evocar nomes de autores estudados e serão capazes de situar os mesmos nos respectivos períodos literários. Imagino que também possam ter retido experiências dos serões de leitura, em Coimbra, dos textos que iriam ser, posteriormente, lidos e comentados em aula. Imagino que alguns não se esquecem de aulas leccionadas no espaço da sala de leitura do Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, em que mais facilmente podiam consultar verbetes sobre autores em obras de referência como a *Biblos - Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, dicionários de literatura portuguesa (como os de Jacinto do Prado Coelho e de Álvaro Manuel Machado).

Sempre gostei de acompanhar os alunos do Curso de Verão nas suas pesquisas nas bibliotecas, porque penso que a presença do professor em momentos exteriores à aula também significa para eles a nossa atenção, disponibilidade e vontade de ajudar.

Ao pensar na memória dos estudantes, revisito também a minha. Leccionar esses cursos, após o período de aulas, representava uma carga, de trabalho acrescida. Apesar disso, não tenho dúvidas de que foi uma experiência compensatória. Depois de preparar os materiais para as aulas, nós, professores, acolhemos e somos acolhidos, há qualquer coisa no ar de alegre: os olhares descontraídos, o prazer de estar na Faculdade de Letras e na cidade de Coimbra, a correria durante os intervalos das aulas e, sempre, a sensação gratificante de que os alunos anseiam por aprender mais.

Os cursos, assumidos na íntegra, ou em parceria com os colegas, implicam a tarefa de reconfigurar o que havíamos planificado em função dos alunos que temos à nossa frente todos os anos.

Nesse esforço, os nossos programas são sempre programas abertos, que vão ser trabalhados de acordo com as competências linguísticas dos alunos e os seus conhecimentos em diversas áreas, desde a literatura à história, da arte à política. Muitos são estudantes de letras, de línguas e literaturas, outros não: tanto podem deter uma formação em medicina,

como em direito ou engenharia ou estarem em vias de conclusão do ensino secundário, como é o caso de uma maioria de alunos vindos de Macau que temos recebido em várias edições do curso.

Depois deste esboço das formações académicas, passo a sinalizar um pouco das matérias leccionadas, considerando o modernismo e Fernando Pessoa, aspectos da presença e do realismo queirosiano.

No modernismo português, interessa, na minha opinião, dar a conhecer as principais expressões literárias. Começando, pois, com um breve conspecto histórico sobre o Modernismo Português, nas artes, com suas interligações com a sociedade a nível europeu, é forçoso pararmos na geração de Orpheu e aí consagrarmos um pouco da nossa atenção à explicação sobre o surgimento e a evolução da heteronímia pessoana. Procuramos mostrar aos alunos como a poesia de Fernando Pessoa articula expressões estéticas.

Dizer que os alunos se entusiasмам com Fernando Pessoa é pouco. Ficam, parece-me, ávidos de ver mais, de ler mais. Alguns vão mesmo às livrarias à procura de antologias. Nos últimos anos, muitos interessaram-se pela antologia publicada pelas Edições 70, com um estudo de António Apolinário Lourenço.

As abordagens são conduzidas como se de uma narrativa aberta se tratasse, como se estivéssemos a potenciar aos alunos horizontes de uma viagem a fazer, quiçá para o resto da vida, pelas máscaras desse rosto que é Fernando Pessoa. Procuramos dar corpo à nossa voz na leitura, tanto quanto possível, bem expressiva dos textos. O retorno é interessante. Uma Babel de sons ecoa na sala quando os alunos elevam o tom para expressar a euforia de passagens da *Ode Triunfal* como:

Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Penso que não entendem tudo, mas o coro de vozes relevando da energia da palavra em diferentes registos expressivos, pela carga de emoção visível nos olhos e no rosto de cada um, sugere o prazer de ler e de ouvir ler poemas como “Ó sino da minha aldeia”, “A Tabacaria”, entre outros. Com Caeiro, e quando possível, aprofundamos a abordagem da questão central do paganismo e do sensacionismo. Maior dificuldade mostram os alunos com Ricardo Reis, não só devido à sintaxe latinizante mas também devido a um vocabulário mais erudito.

Apesar da vontade de permanecer em Pessoa ser grande, temos de avançar, mostrando um movimento de aparente acomodação literária, para que os alunos entendam que, após a efervescência do grupo de Orpheu, se firmou uma geração que deu continuidade àqueles ventos libertários que revolucionaram a literatura em Portugal, envolvendo autores, acontecimentos literários, encontros entre escritores, publicações e reacções dos poderes oficiais.

Do longo tempo de publicação da Revista *Presença* (março de 1927 a fevereiro de 1940), retemos como fundamental, para o conhecimento dos alunos, elementos que permitam configurar uma visão global do espírito dessa geração, chamada o segundo Modernismo Português. Para além das ideias estéticas comungadas por membros que assumiram maior protagonismo (Régio, Gaspar Simões, entre outros), levamos uma mão cheia de poemas para leitura em aula, valorizando a diversidade temática. De José Régio, temos optado por poemas que tematizam a metafísica do eu, tingidas de uma religiosidade dramática e tendente a valorizar objectos, lugares, ritos como símbolos da fé e expressão de um conflito maior. A escolha de poemas de Casais Monteiro, movida por um interesse pessoal por este poeta, talvez não seja a mais acertada. Ocorre-me à memória algum cansaço dos alunos quando analisada esta poesia que expressa a metafísica do eu, dimensão também presente em poemas de Torga, durante a sua colaboração na *Presença*. Fica, pois, cumprida a abordagem da *Presença* e, no caso de Torga, avançamos para outras dimensões da

obra que não deixam de ser importantes e que, da nossa experiência, agrada aos estudantes. Com efeito, com este Montaigne do outro lado dos Pirinéus (nas palavras de Clayre Cayron, estudiosa e tradutora de Torga em França) os alunos descubrem um autor, cuja obra polifacetada merece continuar a ser objecto de leitura e de estudo em alguns casos, sobretudo da parte de estudantes que pretendem prosseguir estudos na área da Literatura Portuguesa. Muitos desses estudantes frequentam cursos sediados em departamentos de estudos hispânicos, onde a literatura portuguesa divide o espaço curricular com outras.

Continuemos o testemunho, agora com outros períodos literários. As escolhas, no que diz respeito ao realismo, feitas pelos docentes da área da literatura implicam geralmente a leitura de textos de Eça de Queirós. Tenho privilegiado textos de *Os Maias*, *O primo Basílio* e alguns contos. Com frequência, encontro estudantes que, no seu país, já tinham conhecimento da obra queirosiana e que demonstram interesse em realizar um pequeno trabalho. Eis aí mais uma oportunidade para os acompanhar na pesquisa bibliográfica, na selecção de materiais de apoio nas bibliotecas da Faculdade. A leitura de textos de Eça não dispensa um enquadramento histórico-literário. E, novamente, vamos encontrar alguns estudantes, cuja bagagem cultural e cujo conhecimento de conteúdos literários lhes permitem completar referências, contextualizar no espaço e no tempo toda uma série de referentes literários. Recordo-me de alunos luso-descendentes, oriundos da França, apontando sugestões de leitura em que convocavam os seus conhecimentos sobre *Madame Bovary*, de Flaubert. A abordagem daquilo que é uma espécie de cânone interpretativo de *Os Maias* em contexto escolar cede espaço para a leitura de textos, para exercícios escritos de paráfrase, sem que se exclua a possibilidade de movimentos de uma análise mais aprofundada. Na leitura desses textos, encontramos questões que merecem discussão conjunta: seja porque discordamos de referências e comentários que se não nos afiguram pertinentes, seja pelas oportunas problematizações.

Fica para um outro espaço um mapeamento mais completo das matérias que temos vindo a leccionar nos Cursos de Férias. Em síntese, e para dizer claramente do desejo que me move neste breve curso, diria que

aspiro a que os estudantes, mesmo os do nível complementar, com um desempenho linguístico com compreensíveis lacunas no início do curso, sejam capazes de, no final, erguer a sua voz, no seu Português, apontando os textos de que mais gostaram ou aqueles com os quais experimentaram uma maior dificuldade. Algo fica em nós desses momentos finais...

A concluir esta passagem pela memória lectiva nos Cursos de Férias, e agora num outro registo, não posso deixar de mencionar outros olhares e companhias, de dentro e de fora, da FLUC. O primeiro nome que me ocorre é o do Doutor Ludwig Scheidl. À sua pessoa devemos muito! Também não me esqueço do apoio da Dra. Clotilde Cruz. Hoje, devo particularmente gratidão ao Francisco Soares de Oliveira, provedor do estudante estrangeiro na FLUC, cuja disponibilidade, a tempo e horas, constitui um apoio imprescindível para o muito que desejamos fazer naquele período de tempo que transcorre tão rápido.

Numa das aulas da edição de 2011 do Curso de Férias, tivemos o privilégio de receber a visita da Doutora Ellen Sapega, professora do Departamento de Espanhol e de Português da Universidade Winsconsin-Madison, conhecida estudiosa no âmbito da literatura portuguesa.

Movida pelo interesse de inteirar-se do nível de abordagem dos assuntos, quanto a aspetos teóricos, históricos e didáticos, a professora considerou ajustada a distribuição dos alunos, no que tocava à literatura portuguesa. Um tal olhar “in praesentia” do nosso desempenho e dos alunos constituiu uma experiência gratificante, que gostaríamos de repetir com docentes de outras universidades.



Série *Documentos*

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2014

